

INTERVENÇÃO DE SUA EXCELÊNCIA O GENERAL CEMGFA

"O CONCEITO ESTRATÉGICO MUNDIAL E OS DESAFIOS DE DEFESA NACIONAL"

IESM, 23 de Novembro de 2010

Senhor Vice-Almirante Director do IESM

Senhor Director da Revista Segurança e Defesa

Senhores Oficiais Gerais

Minhas Senhoras e meus Senhores

Caros Camaradas

Congratulo-me com esta iniciativa empreendida em parceria entre o Instituto de Estudos Superiores Militares e a revista Segurança e Defesa.

Se o tema é sempre necessário e interessante, dificilmente se encontraria oportunidade mais adequada para iniciar uma reflexão sobre "*O contexto estratégico mundial e os desafios da defesa nacional*". E reside nisso um primeiro mérito das entidades organizadoras.

Tenho como boa norma que nestas intervenções de abertura haja a preocupação de preservar ou mesmo de ampliar o espaço do trabalho subsequente.

A estrutura temática deste Seminário e a qualidade dos intervenientes justificam-no reforçadamente.

Acresce que, certamente em razão de ofício mais do que por qualquer outro motivo, tive ocasião, nas semanas recentes, através de múltiplas intervenções públicas, inclusivamente nesta Casa, de expressar a minha visão e as minhas perspectivas sobre as candentes questões que aqui hoje nos reúnem.

Encontrarão nelas referências às condições do ambiente político-estratégico, às ameaças, riscos e desafios que nele devemos identificar, aos modelos de segurança a que tudo isso nos conduz e às fórmulas e aos critérios de actuação que a nossa responsabilidade e os nossos interesses nos sugerem. E naturalmente uma perspectiva militar e em particular uma perspectiva militar portuguesa, sobre tudo isso.

As razões que aduzi, o potencial que identifiquei neste Seminário e o imperativo de não fustigar gratuitamente a audiência, levam-me a não voltar a elaborar nesta ocasião sobre essas diversas facetas.

Permitam-me contudo umas breves notas de enquadramento, menos ligadas aos tópicos do Seminário e mais à atitude com que, em meu entender, os devemos abordar e trabalhar.

É um facto que a Aliança Atlântica concluiu agora, aqui em Lisboa, um novo Conceito Estratégico, segundo uma óptica em que se entrelaçam no mesmo documento doutrina de fins e doutrina de modos e meios. Uma óptica que pode chocar os puristas - e eu, então com menos responsabilidade, já integrei esse grupo - mas que é a óptica da realidade com que temos que trabalhar e viver. E que por isso mesmo devemos observar.

E essa é uma primeira recomendação. Não nos gastemos nem nos desgastemos em considerações conceptuais de nula eficácia e aplicabilidade.

Também recentemente se concluiu no âmbito da União Europeia por um novo Tratado, o Tratado de Lisboa.

Tudo associado e aliás em linha com o propósito enunciado para ambos os documentos, parece possível assumir que está encontrado o quadro para a próxima década. Talvez estejam

de facto razoavelmente estabilizadas linhas mestras desse quadro. Ou pelo menos as intenções que para ele temos.

Mas não nos esqueçamos que o exercício estratégico não é um exercício de possibilidades mas sim um exercício de intenções. Intenções porém, que dependerão não só de nós como também dos outros.

E é a pensar nos outros que devemos atentar que nessa próxima década e porventura para além dela, o mais constante dos factores com que devemos contar é a mudança. Uma mudança permanente, acelerada e imprevisível.

E daqui retiro uma segunda advertência. Que traduzo pela necessidade de prospectiva incessante e de antecipação e adequação como requisitos correntes da nossa acção.

O que implica bom domínio do quadro doutrinário e boa atenção aos ciclos de planeamento a par com uma fértil capacidade para agir de modo próprio perante as circunstâncias concretas que se nos irão deparar. Que não conhecemos. Mas que podemos antever, para não dizer que podemos ter como seguro, que só por acaso serão exactamente aquelas que hoje julgamos identificar.

Neste ambiente tão fortemente marcado, como deve ser, pela disciplina e pela coesão castrenses, recordo Fernando Pessoa quando se interrogou sobre se *"haverá algo mais verdadeiro do que ser pessoa entre a multidão"*?

Regras comuns por certo, mas iniciativa e responsabilidade pessoais serão normas de valor acrescentado no nosso próximo porvir.

Um futuro em cuja construção não podemos deixar de atender às duras realidades da conjuntura económica e financeira. E em particular às suas severas manifestações em Portugal.

Para o que recomendo tudo o que antes referi e ainda um redobrado realismo e pragmatismo, que não dispensarão, antes exigirão, capacidade para inovar e para entender que é a doutrina que serve a Vida e não o contrário. E aqui fica uma terceira nota.

A última nota é para acentuar algo que também todos sabemos.

Que pela natureza superior do que está em causa, as questões da Segurança, da Defesa e das Forças Armadas, íntimas como são da soberania, impõem no seu tratamento rigor e descrição.

Saberes informados e actualizados e comportamentos sóbrios são ingredientes obrigatórios do trabalho que fazemos e que teremos que fazer.

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Caros Camaradas

O que vos pretendi deixar foi uma mensagem de exigência. Estou certo que de necessidade supérflua perante esta audiência. Mas por cuja redundância espero ser compreendido, porque o que ela no imediato visa é que este Seminário nos proporcione conclusões e linhas de pesquisa realmente úteis e que, como tal, sejam corroborantes dos trabalhos de revisão e actualização do Planeamento Estratégico Nacional que muito brevemente se irá iniciar.

É este o desafio que vos deixo.

A todos desejo bom trabalho, porque é de trabalho que se trata e muito sucesso.

O Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas

Luís Valença Pinto

General